

Viva Cuba, Viva Fidel...

J. Roberto Whitaker Penteado

Os poderosos podem matar algumas rosas, mas nunca deterão a primavera. Che Guevara

Em janeiro de 1959, o ditador Fulgencio Batista que governava Cuba desde 1952 fugiu da ilha, abrindo o espaço para Fidel Castro e seu grupo de guerrilheiros barbudos descerem da Sierra Maestra para assumir o poder.

Pouco mais de um mês depois, eu – com 17 anos – embarcava num C-47 da Força Aérea Brasileira, para uma carona até os Estados Unidos, que meu pai – como professor da ECEMAR – havia conseguido. Naquele tempo, os aviões iam vazios aos EUA, para trazer equipamento para a aeronáutica e não se importavam de transportar alguns passageiros, que até faziam companhia à pequena tripulação.

Ir do Rio à Miami, num C-47 - versão militar dos DC-3, que já voavam na Ponte Aérea – era uma experiência única. Com pequena autonomia de voo e poucos instrumentos, a viagem era Rio-Vitória-Salvador-Recife-Natal-Carolina (cidade do Maranhão, à margem do Tocantins), etc., com vários pernoites. De Belém a Miami, passávamos por Cayenne, na Guiana francesa e íamos fazendo um tour pelas Antilhas – até chegarmos a Camaguey, em Cuba.

A pequena cidade alva e ensolarada estava mais festiva do que de costume. Literalmente, presenciei cenas de filme: muchachas de branco presenteando os barbudos, armados de rifles e metralhadoras, com grinaldas floridas. Os botecos serviam arroz com feijão preto e carne assada, goiabada e cafezinho – e a música dos alto-falantes era Viva Cuba, viva Fidel – y todos aquellos que lucharon con el. Senti-me em casa – e feliz.

Dois anos mais tarde, já em Nova York, compareci a um comício de um Fair Play for Cuba Committe, que se havia instituído. Houvera a tentativa de invasão da Baía dos Porcos e ouvi de Leo Huberman, editor da revista socialista americana Monthly Review, a frase– enquanto exibia a primeira página do New York Times: - Das três pessoas cujas declarações aparecem aqui, nosso presidente, Kennedy, o secretário McNamara e o premier Fidel Castro, só uma não está mentindo: Fidel.

Ainda sinto o frio na espinha daquele dia. Algum tempo depois, Tad Szulc, jornalista do Times cujas matérias sobre Cuba haviam sido censuradas pelo editor, James Reston, publicava em livro a sua avaliação das injustiças e desmandos americanos em relação a Cuba, no livro A crônica de um Desastre. E acreditem: Ernesto Che Guevara, o segundo homem da revolução cubana, era condecorado, em Brasília, pelo nosso presidente Jânio Quadros - naquele mesmo ano de 1961.

Passaram-se quase 50 anos. Guevara virou lenda. Os protagonistas daquele momento morreram quase todos. A União Soviética acabou. Mudamos o mundo, o Brasil, as ilusões que tivemos e a maioria de nós, eu inclusive. Fidel ficou e tornou-se um chefe de estado quase tão longevo quanto Pedro II...

Incomodam-me, contudo, os relatos da mídia do que parecem ser os últimos momentos de Fidel e a situação em Cuba pela falta de dimensão metafísica. Apesar de tudo que mudou, tenho a sensação de que continuam a existir, na Terra para quem as quer perceber a verdade e a mentira.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=165&ID=349>>.

Acesso em: 4 ago. 2009